

NOVAS PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

(New Methodological Propositions for the Teaching of Geography: Reports of Experiences

During Supervised Practice)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre a pesquisa bibliográfica e de campo, sobre a importância do ensino da geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos, verificando como estão sendo trabalhados na escola. O referido artigo foi desenvolvido a partir dos resultados obtidos com a iniciação da prática de ensino na Escola Municipal Lauro Rocha de Andrade, realizada na disciplina Estágio Supervisionado em Prática do Ensino em Geografia I. Apresentamos como objetivo refletir sobre a geografia escolar destacando a importância da inserção de novas metodologias, no sentido de estimular a participação dos discentes no processo de ensino/aprendizagem. Inicialmente, realizamos um levantamento bibliográfico referente à temática do ensino de geografia, seguido pelo diagnóstico escolar; a seguir, procedemos à observação da regência e à realização de oficinas pedagógicas com alunos do 5º ano do ensino fundamental, nas quais foram abordados temas alusivos à representação cartográfica e localização geográfica temática essencial para a formação dos discentes na educação básica.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Representação Cartográfica e Oficinas Pedagógicas.

ABSTRACT

This article aims to bring some considerations about the importance of geography education in the early grades of elementary school, checking how it is being worked on in school. The inclusion of geography education in Brazil has gone through several discussions, to be part of the official curriculum. This article was developed from results obtained with the teaching practice initiation at Escola Municipal Lauro Rocha de Andrade, carried out on the subject "Estágio Supervisionado em Prática do Ensino em Geografia I" (Supervised Practice of Geography Teaching I). The goal is to reflect on the way geography is taught at school, highlighting the importance of integrating new methodologies into teaching, in a way of stimulating the students to take part in the process of learning/teaching. Initially, a bibliographical survey on geography was conducted, followed by school assessments; afterwards, classes were watched and pedagogical workshops carried out with students from the 5th grade, in which several themes were approached like cartographic representation and geographic location, essential topics for the students on basic education.

Keywords: Teaching of Geography, Cartographic Representation and Pedagogical Workshops.

RESUMEN

El artículo mencionado fue desarrollado desde los resultados obtenidos con la iniciación de la práctica de enseñanza en la Escuela Municipal Lauro Rocha de Andrade, realizada en la disciplina "Estágio Supervisionado em Prática do Ensino em Geografia I" (Pasantía Supervisada en Práctica del Enseño en Geografía I). Presentamos como objetivo reflexionar sobre la geografía en la escuela destacando la importancia de la inserción de nuevas metodologías, a fin de estimular la participación de los discentes en el proceso de enseñanza/aprendizaje. Primeramente, realizamos un levantamiento bibliográfico sobre la temática del ensino de geografia, seguido por evaluaciones escolares; posteriormente, observamos las clases y la realización de talleres pedagógicos con alumnos del 5º año de la educación primaria, en las cuáles fueran abordados temas relacionados a la representación cartográfica y localización geográfica, temática esencial para la formación de los discentes en la educación básica.

Palabras Claves: Enseño de Geografía, Representación Cartográfica y Talleres Pedagógicos.

Paulo Adriano Santos Silva

Bolsista do PIBID da Universidade Federal do Sergipe (UFS)
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos
São Cristóvão – SE - CEP: 49.100 - 000
Tel: (+79) 2105 - 6742
adriano_ufs@yahoo.com.br

Robertta de Jesus Gomes

Bolsista do PIBID da Universidade Federal do Sergipe (UFS)
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos
São Cristóvão – SE - CEP: 49.100 - 000
Tel: (+79) 2105 - 6742
Roberttadejesus15@hotmail.com.br

Sônia de Souza Mendonça Menezes

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Sergipe (UFS) e Professora Adjunta do Departamento de Geografia
Avenida Marechal Rondon, S/N
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos
São Cristóvão – SE - CEP: 49.100 - 000
Tel: (+79) 2105 - 6742
soniamendoncamenezes@gmail.com.br

INTRODUÇÃO

O presente texto foi desenvolvido a partir da iniciação na prática de ensino na Escola Municipal de Ensino Fundamental Lauro Rocha, localizada no Bairro Rosa Maria no município de São Cristóvão/SE e realizado como prática obrigatória da disciplina Estágio Supervisionado em Prática do Ensino I, no curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Sergipe.

Apresentamos como objetivo refletir sobre o ensino de geografia na educação básica, além de destacar a importância da inserção de novas estratégias metodológicas, no sentido de estimular a participação dos discentes no processo de ensino/aprendizagem. Para tanto, foram realizadas oficinas pedagógicas com alunos do 5º ano do ensino fundamental, nas quais abordamos temas referentes à representação gráfica e localização geográfica, tendo em vista que esses conteúdos não são devidamente trabalhados nas aulas de Geografia, de acordo com os docentes, em consequência da complexidade dos citados conteúdos.

Como procedimentos metodológicos, iniciamos com a revisão bibliográfica por meio de consultas a livros, artigos e periódicos disponíveis em meios eletrônicos ou em acervos públicos. Além disso, experienciamos e vivenciamos o processo de aprendizagem com as observações das aulas ministradas pelo professor regente. Em seguida, elaboramos um questionário para identificar o perfil dos alunos, as dificuldades e anseios no processo de ensino/aprendizagem. Após a identificação de dificuldades na aprendizagem relacionadas aos temas da cartografia escolar, planejamos oficinas para que o assunto pudesse ser trabalhado de maneira prática, dinâmica e educativa. Mas, para entendermos o contexto escolar, realizamos um diagnóstico da escola com o intuito de conhecer a estrutura física, os recursos tecnológicos/didáticos disponíveis, o quadro docente, informações essenciais para o conhecimento do estabelecimento escolar. Após essas atividades, foram organizadas e desenvolvidas as práticas pedagógicas fundamentadas nos conteúdos que envolvem o ensino de Geografia contemporâneo.

O presente artigo está dividido em introdução, revisão teórica sobre a geografia escolar, planejamento e regência dos estagiários, aplicação das oficinas pedagógicas, considerações finais e referências bibliográficas.

BREVE DISCUSSÃO SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Nas últimas décadas, a Ciência Geográfica passou por uma série de mudanças no tocante aos seus métodos de analisar as relações que se estabelecem no espaço geográfico. Arelado a essas alterações, o ensino dessa ciência tem sido motivo de discussão e modificações, tendo em vista a busca pelo acompanhamento da dinâmica espacial. Refletir sobre o ensino tradicional, modelo predominante nas escolas do nosso país, faz-se necessário e, nesse sentido, a Geografia escolar tem por função contribuir para a construção de conhecimentos significativos para a vida das pessoas. As habilidades a serem desenvolvidas nos educandos, por meio dos conhecimentos geográficos, devem proporcionar uma reflexão crítica acerca da sociedade na qual eles vivem e, principalmente, sobre o espaço que ocupam, visando à compreensão de como este é (re)organizado cotidianamente (MOREIRA, MARÇAL e ULHÓA, 2006).

Observamos que o ensino, sobretudo na disciplina de geografia, encontra-se pautado no tradicionalismo, extremamente defasado, enfadonho, mnemônico, descritivo, sem desenvolver a ciência geográfica e estabelecer relações com o cotidiano. Devemos repensar as práticas pedagógicas e buscar inserir no contexto educacional

diversas metodologias que proporcionem a atração dos discentes e evidenciem o significado dos conteúdos para a vida dos mesmos. Como forma de tornar a escola e a Geografia significativa para o aluno, é imprescindível que haja uma correlação interescolar (global-local-global). Castrogiovanni (2001) afirma que, na contemporaneidade, a análise, compreensão e representação do espaço, tempo e sociedade é fundamental na escola ao tecermos a aproximação do teórico/acadêmico ao cotidiano vivenciado pelo estudante, visto que facilita a compreensão dos alunos quanto aos aspectos geográficos a partir da sua concepção de mundo. Logo, é imprescindível a capacitação e empenho do professor no manuseio dos recursos com aulas interativas que proporcionem experiências educacionais facilitadoras do aprendizado dos alunos. Nesse sentido, Pontuschka (2009) apontam que:

O professor tem um papel importante nesse processo, como mediador entre o aluno e a informação recebida, promovendo o “pensar sobre” e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer relações e conferir significado às informações.

Assim, o professor pode se utilizar de ferramentas que possam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem como uma proposta que desperte o pensamento, a reflexão, o interesse dos alunos para o conhecimento. O docente deve instigar seus alunos a fazerem a leitura do mundo e do seu espaço vivido e concebido e a que façam uso dessas análises o que difere da forma tradicional dos círculos concêntricos, em que essas análises acontecem numa sequência linear que empobrece a capacidade de desenvolver nos alunos uma visão mais ampla e crítica do espaço nas diversas escalas de análise. É viável trabalhar com as diferentes escalas de análise do espaço estabelecendo associações entre elas e evidenciando a interligação na sociedade atual.

Outra deficiência observada na educação básica diz respeito à ausência da investigação, da pesquisa aliada ao ensino. É fundamental que os mediadores do conhecimento superem a ideia do ensino tradicional e insiram no contexto educacional uma visão “investigativa”. Como ressalta Elza Passini (2010, p. 37), “temos que nos atualizar e virar a página da geografia descritiva para discutirmos os fatos geográficos numa abordagem analítica e crítica. A nossa proposta é o desenvolvimento de circunstância” de modo que os discentes consigam visualizar as relações e sistematizá-las no sentido de entender a dinâmica sócio-espacial.

O ensino mnemônico precisa ser substituído, oferecendo, assim, espaço para práticas condizentes com a formação de alunos reflexivos, articulados e informados da realidade em que vivem. O educador precisa estimular os seus alunos a exercitar o olhar espacial, cujos aspectos essenciais são a observação e a análise dos lugares, incitando a leitura da paisagem por meio de uma visão ampliada e crítica. Para desenvolver essas habilidades nos alunos, o professor carece da permuta constante de ideias. Kaercher (1999, p.50) ressalta como essencial ter como propósito “forçar o alunato a pensar o novo, a dizer sua ideia e não apenas repetir o que já foi dito pelo professor ou pelo livro”, de modo que o diálogo remete a troca constante de conhecimento, que permitirá aos agentes (professores e alunos) desse processo afim de que seja aprendido e construído.

Essas atividades podem ser trabalhadas de acordo com novos olhares e novas perspectivas; exemplo disso são as atividades lúdicas, quando inseridas no ensino como proposta metodológica que proporcione atração, “aprendendo de uma maneira simples, brincando, muitas vezes sem perceber que está estudando, de uma forma dinâmica e atrativa, aproximando o aluno do conhecimento geográfico.” (RUPEL, 2009, p. 3).

Quando se pensa em trabalhar com o lúdico, observa-se que muitos docentes se mostram temerosos de não deter o controle da turma, principalmente quando se trata de

uma sala de aula com uma grande quantidade de alunos. Kimura (2008, p. 151) ressalta que “nessas condições, seria desumano e arrogante colocarmos esse tema sem levarmos em conta as dificuldades pelas quais o professor passa”. Logo, o desafio de inserir essas atividades no ensino de geografia requer uma “abertura subjetiva do professor”, assim como um planejamento objetivo na esfera didática e pedagógica.

Abordar a Geografia com o uso das atividades lúdicas é uma alternativa estratégica para o docente, visto que essas práticas permitem aos alunos a reflexão acerca dos conceitos geográficos, o que lhes servirá de incentivo para a busca do conhecimento. Ressaltamos que o lúdico, quando bem planejado e adaptado à realidade, estimula nos escolares esse desejo de desvendar o mundo a sua volta. Esses estímulos proporcionam prática de ensino e aprendizagem prazerosa para os atores envolvidos no processo. Além disso, o discente se faz presente de modo efetivo na construção do conhecimento, substituindo a educação bancária, no qual os alunos absorvem os conceitos prontos, sem fazer a reflexão necessária. De acordo com Freire:

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, não “bancária”, é que em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 1975, p.141).

Realizar essas atividades lúdico-pedagógicas é possível quando se definem os objetivos a serem atingidos por meio de um consenso com a turma sobre como realizar as dinâmicas sem provocar desordem na sala de aula. Mas, para que isso aconteça, é necessário que os educadores estejam conscientes de seus atos e obrigações, sabendo que não devem deixar transparecer sinais de desmotivação, o que acaba provocando uma apatia geral conforme se constata na maioria das escolas públicas (VIEIRA, 2010).

No decorrer das atividades relacionadas ao estágio, verificamos, com a análise dos questionários respondidos pelos alunos, e com a fala do professor regente, o predomínio do ensino tradicional, mnemônico, a desconexão com o cotidiano e a ausência de atividades lúdicas. Além disso, observamos um déficit relevante quanto ao ensino da cartografia escolar; logo, percebemos a necessidade de abordar na nossa prática atividades relacionadas à ciência cartográfica. Para tanto, buscamos trabalhar com oficinas que envolvessem os temas pertinentes à representação gráfica. Conforme Passinati e Archela:

Apresentamos, aqui, a geografia como a ciência que estuda a relação existente entre a sociedade e o meio e a cartografia como uma das ferramentas utilizadas para esse estudo. Em outras palavras, expomos a cartografia como instrumento de uso da geografia. A alfabetização cartográfica, por sua vez, leva cada indivíduo a compreender o espaço físico conhecido, facilitando a análise geográfica. (PASSINATI e ARCHELA, 2007, pág. 172).

Destarte, podemos destacar a importância de retratar a referida linguagem como procedimento facilitador que fornece subsídios para o ensino de Geografia. De acordo com (Callai, 2000), para ler o espaço, torna-se necessário outro processo de alfabetização, ou talvez a compreensão de que, dentro do processo alfabetizador, além das letras, das palavras e dos números, faz-se necessário aprender a linguagem da cartografia.

Após fazermos o reconhecimento da escola com o diagnóstico retratado em seguida, elaboramos as atividades práticas.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL LAURO ROCHA DE ANDRADE

Ao iniciarmos as atividades de um estágio supervisionado, necessitamos conhecer o espaço escolar. Para tanto, o diagnóstico da escola revela-se uma ferramenta essencial para que possamos instituir um vínculo inicial com a escola e todos os seus componentes a fim de se estabelecerem diálogos com o corpo de funcionários da instituição e de se conhecer a estrutura física e tecnológica existente. Conhecer o perfil estrutural do colégio, identificar os recursos existentes nessa instituição de ensino faz-se necessário para inserimos uma prática condizente com a realidade da clientela em foco. Assim, concordamos com Kimura (2008, p. 55), quando afirma que “o papel específico da escola e do professor deve ser compreendido no conjunto dos papéis dos agentes educacionais”. Antes de planejar suas ações, o docente deverá identificar e conhecer não só os recursos tecnológicos e humanos de que a escola dispõe como também o espaço geográfico onde ela está localizada.

As relações entre a escola, os docentes e os educandos são essenciais para que haja um bom funcionamento do processo educacional. Precisamos observar todos esses atores, tanto para obtermos bons exemplos quanto para verificarmos as falhas existentes e, desse modo, evitar que estas se repitam futuramente, além de propor soluções para as inevitáveis problemáticas encontradas nas instituições de ensino.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Lauro Rocha de Andrade foi fundada em 1990 e está instalada no Bairro Rosa Maria no município de São Cristóvão. Oferece o nível de Ensino Fundamental e a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), para os níveis fundamental e médio, e conforma um quadro de 393 alunos distribuídos em três turnos, conforme tabela 01.

Tabela 1: Distribuição de alunos por turno E. M. E. F. Lauro Rocha de Andrade 2012

TURNOS	HORÁRIO	QUANTIDADE DE ALUNOS
1º turno (matutino)	7:30 às 11:30	147
2º turno (vespertino)	13:00 às 17:00	115
3º turno (noturno)	19:00 às 22:00	131
Total de alunos	-	393

Fonte: SILVA, 2012.

A distribuição de alunos por turnos é equilibrada, e evidenciamos o limite no crescimento do número de docentes em decorrência das condições estruturais da escola, as quais, pela escassez de salas aula, laboratórios desativados, falta de manutenção nos banheiros, cantinas, secretaria e pátio, revelam-se em condições de precariedade. Tais circunstâncias têm provocado a busca dos discentes por outras instituições de ensino existentes nos bairros circunvizinhos.

Ao analisamos os alunos que frequentam os diferentes turnos, observamos a diferença na faixa etária, considerando que a escola dispõe da modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Destarte, Cavalcanti (2011, p.36) salienta que “é importante o professor conhecer os seus alunos e empreender o trabalho docente considerando a sua diversidade”. Sendo assim, o educador deverá, antes de organizar o seu planejamento anual, verificar a faixa etária, a realidade social e econômica dos seus alunos para trabalhar em conformidade com a clientela.

A procedência dos estudantes da referida escola é, em sua maioria, do Bairro Rosa Maria e de circunvizinhanças: o Rosa Elze, o Conjunto Eduardo Gomes, Povoado Barreiro, Bairro Tijuquinha, entre outros. Conforme Bueno e Callai (2009, p. 9), “o lugar nos identifica como indivíduos com características culturais diferentes de outros que vivem em outro lugar”. Nessa perspectiva, quando os discentes são de lugares distintos, consequentemente as metodologias que o docente adotará deverão estar adequadas às múltiplas realidades de seus escolares.

ASPECTOS DA ESTRUTURA FÍSICA DA E.M.E.F LAURO ROCHA DE ANDRADE

Na contemporaneidade, as instituições escolares do nosso país encontram-se em estado de precariedade. Isso se intensifica no Nordeste, sobretudo pela omissão do poder público no sentido de amenizar tais problemas na educação. Nesse contexto, encontra-se a Escola Lauro Rocha de Andrade em estado de depreciação, possuindo uma estrutura física inadequada para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que estimulem as competências e habilidades no processo de ensino-aprendizagem dos discentes.

Figura 1: Fachada da Escola.



Fonte: SILVA, 2012.

As dependências da instituição são precárias: não existem espaços adequados para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e esportivas, as quais são realizadas no pátio. A sala de vídeo apresenta-se em construção e, além disso, a escola não dispõe de biblioteca, laboratórios de informática, sala de leitura, quadra esportiva, auditório, refeitório, entre outros que são essenciais na ambiência escolar. Observa-se que as condições de trabalho propiciadas aos docentes são deficientes e que, para atingir seus objetivos, eles utilizam a criatividade.

Contudo, apesar das dificuldades encontradas no ensino básico, o professor deverá repensar suas práticas e buscar desenvolver novas estratégias metodológicas com o objetivo de facilitar o processo de assimilação, compreensão e reflexão dos conteúdos ministrados nas aulas de geografia. Nesse sentido, descreveremos as atividades desenvolvidas com alunos do 5º Ano do Fundamental, por meio de oficinas lúdico-pedagógicas enfatizando os conteúdos pertinentes à cartografia e representação gráfica.

APRENDENDO GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA POR MEIO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS

Ao observarmos as aulas do professor regente, verificamos que os conteúdos abordados referiam-se às noções de cartografia. Nesse ínterim, procuramos interagir

com os discentes por meio do diálogo e, assim, verificamos com eles dificuldades no entendimento das temáticas em foco, como o sistema solar, mapas, coordenadas geográficas e escalas. Desse modo, constatamos a necessidade de elaborar oficinas temáticas com o objetivo de auxiliar os alunos na construção do conhecimento de acordo com as suas necessidades. Após a organização, aplicamos a primeira oficina, o mapa mental, no qual solicitamos que os alunos desenhasssem o percurso de suas casas até a escola (figura 2). “Partir do universo da criança para ensiná-la a observar significa dar condições a ela de verificar todos os pontos importantes da realidade, que devem ser registrados por meio da escrita ou mesmo do desenho.” (ROMANO, 2010, p.157). Essa atividade teve como objetivo não só verificar o grau de compreensão e de análise do espaço além de algumas noções básicas de cartografia como também trabalhar com o conceito de lugar. Nesse contexto, os espaços do cotidiano dos alunos devem ser aproveitados nas práticas de ensino, e o estudo do Bairro torna-se essencial. Conforme Callai (2000, p.129), esse ambiente “é um dos lugares que está mais próximo dos estudantes, no qual ele convive com outras pessoas”. Conferimos que, além de ser o lugar que tem um significado para o discente, este é um espaço que pode ser percorrido por completo, ampliando, assim, as possibilidades de aprendizagem.

Concordamos com Straforini (2004, p.94), ao ressaltar a importância da valorização da categoria lugar, tendo em vista que esta “não menospreza o real, o vivido e abre caminho para o discente estabelecer relações com outros lugares e com o mundo”. Portanto o mapa, mental é uma excelente ferramenta para instigar os discentes a demonstrar suas noções de lugar partindo das suas perspectivas sobre o espaço mais próximo da sua realidade, além de estabelecer relações diversas entre o local e o global partindo dessa categoria geográfica. Outrossim, Kozel (2007) explica que:

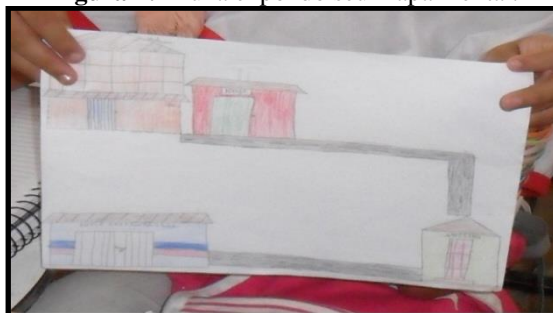
As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades. Essa multiplicidade de sentidos que um mesmo “lugar” contém para seus moradores e visitantes está ligada, sobretudo ao que se denomina de imaginação criadora, função cognitiva que ressalta a fabulação como vetor a partir do qual todo ser humano conhece o mundo que habita. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, é um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. (p. 121).

Corroborando com a discussão de Kozel (2007), Richter, Marin e Decanini (2010) apontam que “os mapas mentais dão possibilidade do seu autor incluir elementos subjetivos que, na maioria das vezes, não estão presentes nos mapas tradicionais. Essa característica torna mais rica esta representação de próprio punho, por incluir contextos que podem ampliar a compreensão do espaço”. Logo, a elaboração e a prática dessa atividade fazem-se necessárias no cotidiano escolar.

Além disso, as cartas refletem a percepção do espaço pelo aluno, eficazes para compreender os valores que os indivíduos atribuem aos diferentes lugares. “O espaço vivido é o conjunto de lugares de vida de um indivíduo. A casa, o lugar de trabalho, o itinerário de um a outro local formam os componentes do espaço vivido.” (PONTUSCHKA, 2009, p.314). Esses mapas desenvolvem um papel fundamental, possibilitam ao aluno uma leitura espacial e, concomitantemente, possibilitam a identificação das relações interescares presentes no seu dia-a-dia e as influências dessas no seu cotidiano.

Os desenhos refletiram a noção de senso crítico da turma do 5º ano, com faixa etária que variava dos nove ao quatorze anos; eles apresentaram, nos seus desenhos, problemas estruturais do bairro, como falta de pavimentação e ausência de rede de esgoto além de destacarem nos logradouros públicos a violência urbana. Nessa perspectiva, Pontuschka (2009, p.293) ressalta que “o desenho do aluno é, para o professor, um elemento de análise sobre o desenvolvimento cognitivo de certa realidade representada pelo aluno.” Legitimando esse debate, consideramos que desenhos acabam por oferecer aos docentes uma série de informações ligadas à realidade vivida pelos escolares.

Figura 2: Aluna expondo seu mapa mental.



Fonte: SILVA, 2012.

Durante a quinta e sexta aulas, continuamos a observar as atividades do professor regente e, na sétima aula, fizemos uma revisão dos conteúdos com uma atividade lúdica, aula dialogada e descontraída, na qual procuramos esclarecer e relacionar com os alunos alguns conceitos básicos da ciência em foco, referentes ao clima, relevo, vegetação, hidrografia, política, economia, importante na formação geográfica.

Na última aula, aplicamos a segunda oficina intitulada: “noções de lateralidade”. Nessa atividade, a turma foi dividida, e um dos componentes de cada grupo se deitava sobre uma folha de papel-madeira (figuras 3, 4, 5 e 6) e os demais faziam o contorno do corpo desse estudante. Os objetivos dessa oficina eram os de trabalhar noções de lateralidade, como esquerda e direita, e também a noção de limite, como interior e exterior.

Figuras 3 e 4: Contorno feito pelos alunos.



Fonte: SILVA, 2012

Consideramos que essa oficina também obteve um resultado positivo, ao passo que os alunos souberam diferenciar a esquerda da direita (figuras 3 e 4) e contornaram o lado direito de uma cor e o esquerdo de outra cor, ao mesmo tempo em que estabeleceram a diferenciação de acordo com as cores e, desse modo, aprenderam a

construir e entender o que é um legenda. Os educandos, ao final do estágio supervisionado não só compreendiam claramente conceitos como limite, lateralidade, como também liam e analisavam mapas.

Figura 5: Exposição de Atividades.



Fonte: SILVA, 2012.

Para que haja o bom aproveitamento do ensino/aprendizagem, vários elementos se inserem na dinâmica das atividades educativas. Nesse contexto, a escola desenvolve um papel fundamental quando representa várias modalidades de linguagens e as utiliza como instrumentos de conhecimento, promovendo, assim, a interpretação desses saberes adquiridos e, posteriormente, acaba por desenvolver a capacidade cognitiva e intelectual dos discentes. Podemos considerar que o processo educacional é formado por um sistema de relações, no qual o professor, no dizer de Pontuschka (2009), exerce um papel importante como mediador entre o aluno e a informação recebida, promovendo o “pensar” e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer relações e conferir significado às informações, para que os discentes analisem de modo crítico as relações que se estabelecem no espaço que os circunda.

É importante pensar novas estratégias metodológicas para que a aprendizagem seja concretizada, e, para isso, é essencial o planejamento docente. Diante do que foi exposto, o professor pode se utilizar de ferramentas pedagógicas que possam auxiliar no processo de ensino e aprendizagem com uma proposta para despertar o interesse dos alunos a favor da construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário ressaltar as contribuições que o Estágio Supervisionado em Prática de Ensino em Geografia proporciona para os alunos de graduação nas licenciaturas, à medida que os licenciandos vivenciam a ambiência escolar, as problemáticas existentes, vão em busca de soluções com o objetivo de facilitar a construção do conhecimento geográfico e preparam o futuro profissional de acordo com os paradoxos evidenciados no ensino.

O estágio foi importante para conhecermos a realidade da Escola Municipal Lauro Rocha e toda sua dinâmica. O conhecimento acerca de sua estrutura física, do corpo docente, dos recursos didáticos, dos espaços pedagógicos, as observações das aulas do professor regente, a aplicação de oficinas relacionadas à cartografia, no sentido de

estimular a participação dos discentes no processo de ensino/aprendizagem, somaram-se como elementos fundamentais para que essa experiência teórico/prático possa servir como arcabouço para tirocínios posteriores.

Verificamos, por meio das oficinas, a possibilidade de estabelecer nas aulas de geografia um caráter educativo, atrativo e dinâmico; isso se deu com o desenvolvimento das atividades sobre os temas alusivos à cartografia, considerando que a referida temática se faz essencial para a formação geográfica dos discentes. Comprovamos a importância das atividades lúdicas no processo de ensino/aprendizagem, em decorrência da adesão e envolvimento dos alunos, de sua motivação no processo de execução e assimilação dos conceitos trabalhados nas oficinas, o que reforça a relevância da renovação metodológica da geografia na ambiência escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUENO, Thiago da Silva; CALLAI, Helena. **A Geografia da vida cotidiana**. In: 16º Encontro Nacional de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.
- CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. **Ensino de Geografia: práticas e textualização no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3. ed. – Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2001.
- CAVALCANTI, Lana. Jovens Escolares e suas práticas espaciais cotidianas: o que isso tem a ver com as tarefas de ensinar Geografia? In: CALLAI, Helena Copetti (org.) **Educação Geográfica: Reflexão e Prática**. IJUÍ/RS: UNIJUI. 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. três ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- KAERCHER, Nestor André. Estudos Sociais: Reflexões, Críticas e Desafios. In: CASTROGIOVANNI, A. Carlos. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, 1999.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOZEL, Salete. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S. [et al] (orgs.). **Da percepção e cognição a representação: reconstrução teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007. p. 114-138.
- MOREIRA, S. A. G.; MARÇAL, M. da P. V. e ULHÔA, A L. M. **A DIDÁTICA DA GEOGRAFIA ESCOLAR: UMA REFLEXÃO SOBRE O SABER A SER ENSINADO, O SABER ENSINADO E O SABER CIENTÍFICO**. In: anais Sociedade & Natureza, Uberlândia, **17** (33): 23-30, jun. 2006.
- PASSINATI, M. C. e ARCHELA R. S. **Fundamentos de Alfabetização Cartográfica no ensino de geografia**. Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências, 2007.
- PASSINI, Elza. **Práticas de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. Contexto, São Paulo: 2010.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Et, Al. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- RICHTER, D.; MARIN, F. A. D. G. e DECANINI, M. M. S. **ENSINO DE GEOGRAFIA, ESPAÇO E LINGUAGEM CARTOGRÁFICA**. In: Mercator - volume 9, número 20, 2010: set./dez.

ROMANO, Sonia Maria Munhóes. **Alfabetização Cartográfica:** a construção do conceito de visão vertical e a formação de professores. In: CASTELLAR, Sonia. Educação geográfica: teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2010.

RUPEL, Márcia Aparecida Pavelski. **Atividades lúdicas:** proposições metodológicas para o ensino da Geografia Escolar. SEED/UFPR, Paraná, 2009.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia:** o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Anablume, 2004.

VIEIRA, Rejane. **METODOLOGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA.** Disponível em:

<http://www.ufpel.edu.br/fae/dialogoscompaulofreire/METODOLOGIAS%20DE%20ENSINO%20UTILIZADAS%20NAS%20AULAS%20DE%20GEOGRAFIA.pdf>

Acessado em Agosto de 2012.